

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRACÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

AGENTE NO BRAZIL : FRANCISCO GONÇALVES DE QUEIROZ
Rua da Quitanda, 78, Rio de Janeiro.

GERENTE EM PORTUGAL : DAVID CORAZZI
42, rua da Atalaya, Lisboa.

Vol. Iº

PARIS, 30 DE SETEMBRO DE 1877

NUMERO 2



SUMMARIO

TEXTO

Correio de Paris.	Guilhermino de Sá,
Alexandre Herculano.	Antero de Quental,
Adolpho Thiers.	Salomão Saragga,
O Vendedor de Coraes.	
P. Paulo Rubens.	Oliveira Martins,
A morte negra.	Pinto Moreno,
A fada azul.	León Gozlan,
Guerre de Oriente.	
Revista bibliographica.	José Teleschi,
Variações.	

GRAVURAS

Alexandre Herculano. — Adolpho Thiers. — O Vendedor de Coraes. — Retrato de Rubens. — Retrato da segunda mulher de Rubens. — Bachibeuks. — Bulgares enforcados pelos Turcos. — Apanhado com as mãos ensanguentadas.

CORREIO DE PARIS

A temperatura vai esfriando e as famílias que estavam a banhos ou no campo começam a regressar. Já quasi todos os theatros abriram, e alguns até romperam no excesso de appresentar peça nova. Paris muda de physionomia. Já se não pôde dizer que a elegante franceza tem vergonha de aparecer na rua, como acontece durante o verão. Ainda o inverno não começou e já todos estão a postos. Só a alta aristocracia não se conforma com este uso. Em geral, as famílias nobres, não regressam antes do dia de Anno-Bom. Passam o natal nos seus solares e castellos da província. A alta burguezia, a burguezia millionaria, essa para em tudo imitar a aristocracia, só regressa em Janeiro, ou se volta antes, fica sciegada em casa, limitando-se quanto muito a ir a algum theatro. Bailes só começa a dal-los de Janeiro em diante. As embaixadas e a aristocracia não os dão antes; a burguezia conforma-se; não altera os usos; se não inventa, copia fielmente.

~~~~ Pôde-se dizer sem receio de parecer exagerado que mais de um milhão de pessoas se descobriram quando passou o caixão que encerrava o cadáver de Thiers. Pelas ruas e boulevards por onde passou o prestito não havia uma só loja aberta. N'estas circunstâncias o commerce de Paris portou-se como devia; porque Thiers era o ídolo da classe. Reunia em si todas as condições e qualidades para ser considerado pela classe média de Paris, o maior homem do seu tempo.

Ministro mais d'uma vez, académico, presidente da Republica, condecorado inúmeras vezes, escriptor à altura do seu publico, que mais se poderia desejar? Para em tudo ser perfeito como modelo do genero, era industrial e rico. Que digo eu? riquissimo. Só a casa que habitava, com as colleções d'arte, moevis, etc., é avaliada pelos entendedores em mais de 900 contos de reis. Thiers passava por ser bom catholico; mas o que não sei é como fará para entrar no paraíso com tão enorme bagagem. Ainda que muito habil na discussão, como se arranjaria para não ir de encontro ao que disse Jesus! « É mais facil passar um cabo pelo fundo d'uma agulha, do que um rico entrar no paraíso. » Eu por mim considero o caso muito mais complicado do que parece.

Seja como for na terra adquiriu celebriade

com o seu talento. Ainda assim julgo que o seu nome não fará companhia áquelles que representam as verdadeiras glorias nacionaes. Os franceses n'este sentido distinguem perfeitamente. O signal mais evidente de canonisação d'um homem celebre é a suppressão da palavra *senhor* como tratamento antes do nome. Repugna à indole do idioma frances, falar-se d'um homem celebre depois da sua morte, designando-o pelo *senhor fulano de tal*. Aquelle *senhor* só mal, e achata os méritos do individuo, quando considerado como ente fóra do vulgar. Assim ninguem diz hoje o Sr. Dumas, o Sr. Voltaire, o Sr. Méry, o Sr. Lamartine, o Sr. Balzac, o Sr. Cuvier, nem o Sr. Thierry. Seria extremamente ridículo dizer-se o Sr. Meyerbeer, o Sr. Alfredo de Musset ou o Sr. Berryer.

Pois o nome de Thiers conservará por muito tempo o *monsieur*, como marca indelevel, e sello indestructivel de burguezia. O seu nome não é propriedade nacional, porque Thiers era burguez em tudo o que fazia. Actos e palavras estavam d'accordo com a indole e inclinações. Eis a razão porque esta pequena formalidade, do *monsieur*, satisfaz a todos: clero, nobreza e povo. Apesar d'isso, é triste. Ter um homem escripto dezenas de volumes d'história, ter pronunciado centos de discursos no parlamento, ter representado o seu paiz nas cortes estrangeiras, ter sido nomeado deputado por 26 círculos diferentes no mesmo dia, ter conseguido libertar o territorio da sua nação, ter chegado ao alto cargo de presidente da Republica, ter feito mil outras coisas mais, com tacto, habilidade e talento, e no fim de tudo, só por possuir meia duzia de tostões mais do que outro qualquer, e ter escripto muitos volumes em estylo accomodado á sciação do publico que o applaudia, ver a sua memoria e o seu nome vinculados á formalidade do *senhor*!

~~~~ Paris transforma-se com a mesma rapidez, com que se transformava no tempo da administração do barão Haussmann. As demolições e as reconstruções sucedem-se vertiginosamente. As principaes vias concluidas este anno são a avenida da Opera, e o novo *boulevard Saint-Germain*, o qual, com o denominado Henrique IV que se lhe segue, forma uma extensão de 5 a 6 kilómetros orlada por magnificos palacios e esplendidos edificios. Creio que não ha cidade no mundo que edifique em dez annos tanto quanto Paris edifica n'um só. D'uma cidade como era, mal construída, cortada por vias estreitas e tortuosas, mal calçada, mal allumiada, suja e sem polícia, tem os franceses feito uma cidade com inumeros *boulevards* e ruas largas, espaçosos *squares*, vistosos parques, grandiosos edificios, cheia de ar, de luz e de movimento. É verdade que o edificio antigo com quanto mão para habitação tinha uma physionomia característica, e os modernos parecem-se uns com os outros, embora sejam mais appropriados ao fim a que são destinados. Mas que importa? Se a cidade é assim menos pittoresca, ganhou incontestavelmente na belleza das linhas, e na elegancia dos contornos. O aspecto geral é sem dúvida superior ao das outras capitais. Para obter este resultado tem-se feito enormes sacrificios. O municipio não hesita quando pôde mandar deitar abaixo os velhos casebres, e construir, nos lugares que elles ocupavam antes, ruas espaçosas e elegantes edificios.

Ignoro como procede em tais occasões a Camara municipal de Paris, ou antes a *Prefeitura do Sena*; mas supponho que emprega o seguinte meio. Sobem n'um balão até chegar a uma altura da qual possam

dominar as casas, e d'ali examinam o aspecto da cidade. Se um ou outro ponto lhes não agrada, ou porque as ruas sejam tortuosas, ou porque tal ponto não tenha facil comunicação com outro, ou porque consideram que seria agradável à vista formar ali uma praça, acolá construir um monumento, n'outro lugar rasgar uma rua para embellezar o aspecto geral, ou por um motivo ou por outro decidem logo arrasar uma parte e construir-a de novo. Estas decisões custam ás vezes 15 mil contos como aconteceu com a construção da Nova Opera, e outras vezes 50 a 60 mil contos como sucedeu com o *boulevard S.-Germain*. Não se passa um anno que a obra não esteja realizada, com geral approvação. O parisiense bate as palmas e applaude com entusiasmo todas estas innovações. No meio d'este concerto de louvores, ouve-se a voz dissonante d'algum velho octogenario que clama, dizendo que no seu tempo as ruas eram mais estreitas, que não eram tão frias, que está tudo perdido, que os modernos estão doidos, que arrasar assim é um desafôro sem consideração alguma pela passado, e mil outros desabafos filhos dos desdens da idade que o empurra para a cova, enquanto a saudade dos seus tempos lhe recorda o passado.

~~~~ Talvez que os velhos tenham razão. O homem moderno, só por ter descoberto o vapor, os caminhos de ferro e o telegrapho, ufana-se, julgando que a sua sorte melhorou. Eu porem não vejo que esteja mais feliz. É verdade que as communicações são mais faceis, que o homem satisfaz as suas necessidades com menos custo, que o numero dos que vegetam na miseria é menor, que o luxo e as commodidades augmentaram, que a sciencia tem esclarecido e auxiliado muito a industria. Mas é este o ideal do homem? O numero dos que se consideram felizes é maior? Ha menos illusões, dizem. O século é mais positivo do que os antecedentes. A hygiene sobre-tudo fez progressos. Creio. Mas para que são tantos progressos, tanto cansaço? Por ventura a dor deixou de ser companheira inseparável do homem? Acaso diminuiu d'intensidade? Valeu a pena sustar o homem n'este cairel a que se chama mundo mais cinco annos, com a tal hygiene e os tais progressos prolongando-lhe os soffrimentos? Não sei. Talvez os velhos tenham razão. O mundo novo não vale mais do que o antigo.

GUILHERMINO DE SÁ.

ALEXANDRE HERCULANO

A morte de Alexandre Herculano não é sómente um luto para a literatura portugueza: é um verdadeiro luto nacional.

Ultimo representante d'uma illustre geração, em quem o forte genio portuguez reverdeceu ainda n'este século com uma seiva tardia, Alexandre Herculano, era mais dos que um grande escriptor: era, em toda a força dos termos, um grande homem, uma d'estas raras individualidades em quem se reflecte, como n'um espelho, o carácter d'uma raça, em quem um povo reconhece, por uma intima affinidade, a expressão genuina do seu temperamento intellectual e moral, nas idéas e nos sentimentos, nas qualidades culminantes e até nos defeitos caracteristicos.

Antes de tudo, Herculano foi isto : um *representative man*, como tão bem dizem os ingleses, o representante do genio da sua nação : e foi este intimo sentir de patriota, que penetrava o seu ser, decidindo dos seus gostos e das suas opiniões, que determinou irresistivelmente a sua vocação litteraria. Escrever a historia do seu paiz não é, com effeito, entrar em comunicação directa com a alma nacional, viva e palpitante, para quem a sabe interrogar com amor, nas instituições, nos feitos, nas crenças, em todos os factos d'uma grande existencia collectiva? Foi esse amor, essa paixão que lhe afisou o entendimento, abrindo-lho a uma sciencia nova, a uma critica alta e severa ao mesmo tempo que penetrante, e lhe armou o animo com a coragem necessaria para enterrar contente os melhores annos da existencia n'esse obscuro hypogeu da historia, onde muitos só encontram a satisfação d'uma curiosidade erudita, mas onde elle buscava ardenteamente, como ensinamento e talvez como consolação, os reflexos d'aquelle luz moral que sae das gerações fortes e creadoras.

É que o historiador era tambem um poeta e um crente. O seu nobre espirito sentia-se confrangido na fria atmosphera de scepticismo e indifferença, que tantas vezes degeneraram em pequenez moral, da nossa época perturbada, e refugia para o passado, onde entrevia figuras amigas, d'onde lhe fallavam vozes fraternaes, cuja linguagem rude mas sincera e grave elle comprehendia melhor do que os requeros artificiosos dos delicados do dia.

Na physionomia moral de Alexandre Herculano ha certas linhas que fazem lembrar o perfil energetico e simples dos heróes typicos da nacionalidade portugueza. Pertencia a essa grande linhagem, que acabou com elle — e o seu século, admirando-o, considerava-o todavia com um certo espanto inintelligente, como se sentisse vagamente que aquelle homem pertencia a um mundo extinto, um mundo cujo alto sentiu já ninguem comprehendia.

E acabavam, com effeito, por não se comprehenderem.

O século, levado na carreira vertiginosa d'uma revolução moral e social cujo termo ninguem pôde prever, escutava entre distraido e impacientado aquella voz austera, que lhe fallava de virtudes esquecidas, de idéas que já não pareciam mais do que simulacros, de instituições em que já ninguem via mais do que engenhosos artifícios — e espantava-se de encontrar tantas illusões unidas a tanto genio e tanta sciencia. Elle pelo seu lado, persistia e como que se endurecia n'essas generosas illusões, que eram as crenças a que devotaria a vida inteira, considerava entristecido mas não abalado o espectáculo da vertigem e da corrupção contemporaneas, que talvez lhe parecessem providenciaes, e o seu amargo sorriso continha muitos desdens, mas nenhuma retractação.

Só a morte podia pôr um termo a esse dissidente, que estava na natureza das coisas.

Não nos cabe a nós ser juizes entre um grande homem e uma época, que tantos acclamam gloriosa, em quanto outros persistem em tê-la por mesquinha. A historia (como ás vezes sucede) dará talvez razão, ao mesmo tempo, á época, que não podia ser maior nem melhor do que as circunstancias a fizeram, e ao homem nobre e sincero cuja activa integridade repugnava invencivelmente a que pactuasse com o abaixamento moral dos contemporaneos, embora tal abaixamento lhe parecesse providencial, preferindo a attitudo isolada e austera do protesto e as más vontades que ella provoca nos caracteres vulgares, á influencia e dominação alcan-

çadas pela connivencia com as paixões, os desvios e os vicios da época.

Ha glorias mais brilhantes e ruidosas : nenhuma pôde haver mais pura.

ANTHERO DE QUENTAL.

#### ADOLPHO THIERS

Não tentarei escrever a biographia do homem extraordinario que a França acaba de perder, e que durante 50 annos representou um papel tão importante em quasi todos os acontecimentos politicos do seu paiz. Impede-me de o fazer não só o estreito espaço a que tenho de me restringir, como a indole d'esta publicação que exclue todos os assumptos politicos. Ninguem na Europa ignora os principaes feitos da vida laboriosa d'este homem eminent, que ainda no dia da sua morte se levantara meia hora mais cedo do que o costume, isto é ás quatro e meia da madrugada, para proseguir com o seu ardor habitual a tarefa encetada na vespera, e de que não devia largar mão até ao ultimo momento. Esta submissão ao trabalho incessante, foi-lhe guia e norma durante uma longa e accidentada carreira politica. Escriptor, jornalista e historiador aos 25 annos, ministro aos 35, sócio da Academia Franceza aos 36, chefe de oposição aos 38, presidente da Republica franceza aos 73, nem antes nem depois de assumir os mais altos cargos nunca um instante deixou este espirito de agitar-se e mover-se.

Critico d'arte aos 22 annos, escrevia elle então que o homem não veio ao mundo senão para manifestar a sua actividade. Muito depois na *Historia do Consulado e do Imperio* accentua ainda mais esta idéa, dizendo : « O homem, ou tenha ou não por destino o ser feliz, é certo pelo menos que nunca a vida lhe é insupportavel quando se agita extrordinariamente... » Tal foi o principio dominante de toda a sua vida. Agitar-se, mover-se. Poderia ter acrescentado, para que o principio fosse em tudo conforme com as suas obras : equilibrar-se.

Critico, historiador, estadista, economista e orador, as qualidades essenciais do seu espirito eram as de um politico. Thiers representava em alto grão as boas qualidades médias do caracter francez. Das qualidades raras que são o apanagio dos grandes homens de França nas letras ou nas sciencias, difficilmente se lhe encontraria alguma.

O seu ponto de mira foi sempre o da classe média da França, isto é a implantação da melhor forma de governo adequada ás circunstancias do momento, sem se inquietar com o porvir, nem attender ao fermento d'idéas que lavra sempre até produzir commoções violentas. Que o nível moral suba ou desça ; que os interesses moraes sejam bem ou mal representados ; que as varias opiniões vejam ou não a luz publica ; que haja ou não estorvos à livre manifestação do espirito scientifico, quer na cathedra quer na imprensa, são outras tantas questões d'interesse secundario. O que importa é que possam vender, comprar e enriquecer os que puderam chegar á posição de o fazer. Fóra dos interesses materiaes, nenhum elemento concorre para a civilisação d'um paiz, segundo este modo de ver. Todos os regimens politicos podem moldar-se e satisfazer a este programma, com tal que mantinham a paz como estrangeiro, e que facilitem os meios para que a industria e o commercio enriqueçam os que os exercem.

Como escriptor, o seu espirito era fluente e a sua linguagem clara como a dos bons publicistas franceses; mas não possuia aquelle dom que faz distinguir as obras d'un escriptor, e que é exclusivo das individualidades bem caracterisadas; o seu espirito não tinha feição alguma peculiar por onde se tornasse saliente.

Trabalhador infatigavel, assiduo investigador, minucioso na analyse, apaixonado, tenaz e perseverante, conseguiu com estas qualidades levar a cabo em muitos annos de trabalho as duas extensas historias da *Revolução Franceza*, e do *Consulado e Imperio*. Se um tão curto periodo historico lhe mereceu o trabalho d'un tão longo escripto, é porque, segundo o processo n'elle empregado, julgou necessário relatar não só os acontecimentos principaes d'aquelle memorável época, como tambem entrar em minudencias acerca do abastecimento das tropas, do numero de rações de forragem, do soldo, do calçado do exercito, e outras mil minudezas d'este genero.

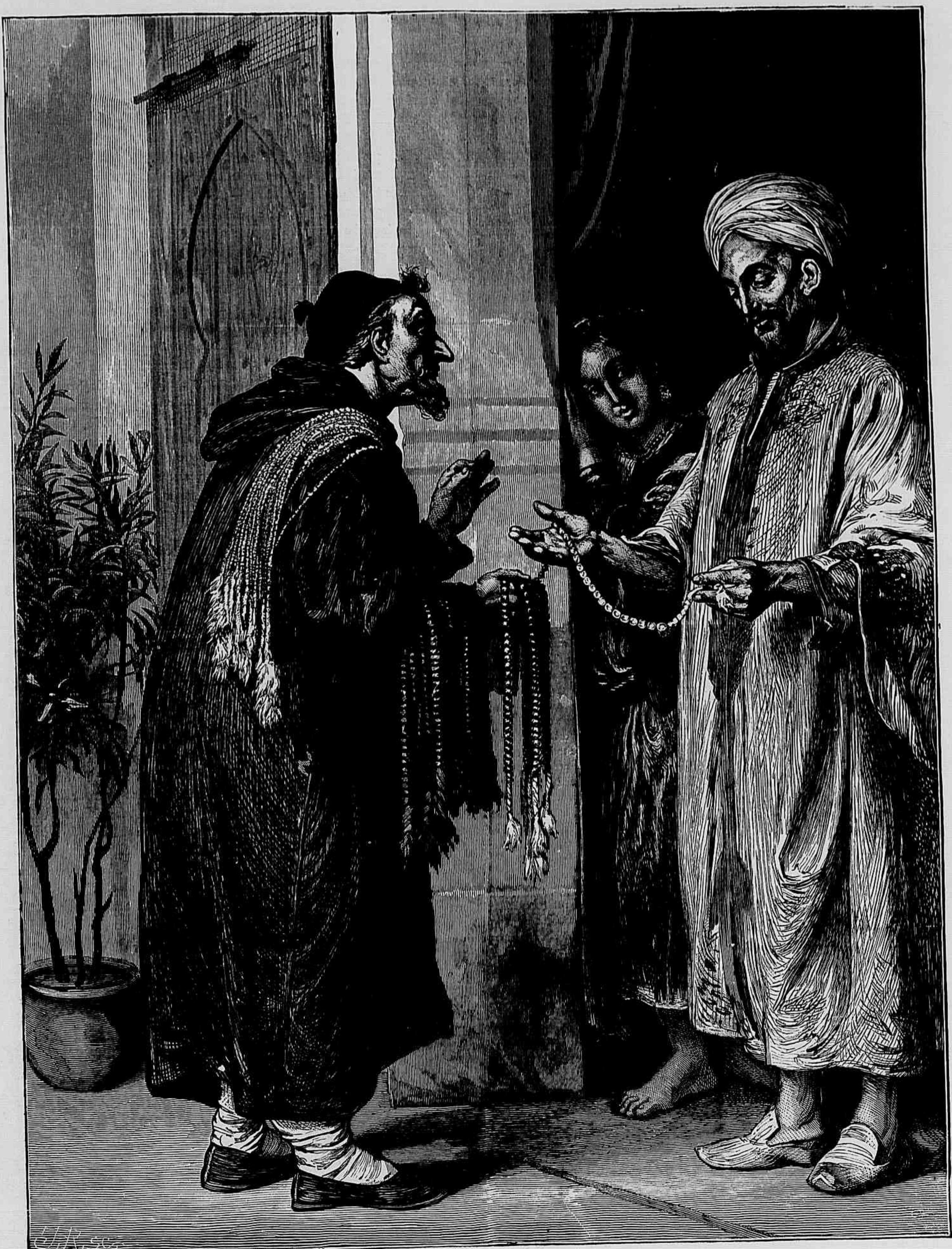
Para satisfazer aos ardores d'uma investigação tão vasta e minuciosa não se poupou ao trabalho de visitar todos os archivos que lhe podiam ministrar subsídios, não deixou de compulsar documento algum que lhe podesse ser util, nem houve testemunha aproveitável que não consultasse. Não o desanimam os obstaculos, nenhuma dificuldade o atemoriza, e sem nunca descorçoar, nem vacillar, finalisa aquelle padrão do que pôde a actividade do homem de talento, quando empregada a desentranhar e expôr com intelligencia os factos d'uma época. O estudo das finanças, e o da administração estão ali magistralmente tratados. Em estratégia foi até aonde nenhum dos historiadores do seu tempo chegou, nem tentou chegar, se exceptuarmos Jominí e outros especialistas da materia. São raros os volumes, com especialidade os que pertencem á *Historia do Consulado e Imperio*, em que não transpareça o político. O leitor não carece de muita perspicacia para saber a data em que alguns fôrmas escriptos. Quando aquelle longuissima enumeração de factos cessa um instante, para dar lugar á apreciação de historiador, vêssse logo o político do dia escrevendo com paixão a historia do passado, segundo as necessidades momentaneas da causa que serve. Thiers nunca adoptou os principios que inspiraram a grande e admiravel escola fundada por Thierry. Para elle a historia era um vasto panorama em que os factos se sucedem aos factos, e que o historiador deve expôr fielmente, limitando-se apenas a fazer considerações praticas sobre os successos passados, atravez do prisma das idéas actuaes. Para se ser historiador por esta forma, é de suppôr que julgassem dispensavel passar a vida a estudar philosophia, e é tambem de suppôr que não acreditasse que a historia fôsse uma sciencia que tivesse correlação com todas as outras.

N'este ponto foi sempre inabalavel. Nunca consentiu em deixar-se inocular pelo espirito moderno scientifico. Se a França seguisse os dictames da sua economia politica fecharia as fronteiras á introducção das mercadorias dos paizes que fizessem concurrencia á industria franceza, e sairia fôra da communhão europea. Foi sempre um ardente defensor do sistema proteccionista. Doutrinario ferrenho d'estas idéas, nada o pôde mover do seu propósito. Todos os argumentos, todas as apprecações de factos, todas as deduções vinham cair diante d'aquelle dogmatismo tenaz e insistente.

No parlamento francez onde tantas vezes defendeu estes principios, foi sempre escutado com attenção, não obstante a antipathia do auditorio por estas



ADOLPHO THIERS



O VENDEDOR DE CORAES. — QUADRO DE J. E. HODGSON

ídias. Escutava-o respeitosa a camara, porque tinha um talento incontestável de orador. Muito verboso, dotado d'uma expressão clara e simples, de muita rapidez e facilidade na réplica, com estas admiráveis qualidades tratava todas as questões commercialmente, sem elevação nem originalidade. Tinha assim a habilidade de prender a atenção da camara sem nunca a arrebatá-la, e com tal arte encadeava os argumentos e ensaiava as phrases, que no meio d'aquella catadupa de palavras, mais d'uma vez conseguiu fazer brotar a perplexidade no seio d'un auditorio que lhe era aduerso. Foi isto que fez dizer a Cormenin que nenhum orador era tão difícil de combater quando ouvido, nem tão facil de refutar quando lido.

Na sessão de 15 de Julho de 1870, Thiers oppôs-se energeticamente à guerra que ia romper entre a França e a Prussia. Não o quizeram ouvir. É d'esta data que começa a sua glorificação. Logo após o 4 de setembro ofereceu o auxilio da sua longa experientia, e da influencia que julgava ter o seu nome nos gabinetes da Europa, para sollicitar d'elles uma intervenção. Aceitaram-lhe a offerecimento e viu-se então aquelle homem de 73 annos, arrostando os rigores do inverno, affrontando os desdens, as recusas e as humilhações das cortes estrangeiras, bater a todas as portas sem trazer á patria nenhuma outra coisa mais do que estereis promessas.

A nação francesa remunerou-o largamente, nomeando-o deputado á Assembleia Nacional por 26 círculos diferentes. A Assembleia nomeia-o chefe do poder executivo e encarrega-o de assignar a paz. Em 31 d'Agosto de 1871 é-lhe conferido o título de presidente da Republica. É então que Thiers adquire verdadeiros títulos de gloria perante a posteridade consagrando a sua actividade e talentos á libertação do territorio frances. Auxiliado pelo poder legislativo e pelo patriotismo da França inteira consegue levantar um emprestimo fabuloso, e com elle expulsar do territorio o inimigo vencedor.

Se Thiers dêsse por terminada com aquelle acto a sua já longa carreira politica, ou pelo menos quando desceu do poder a 24 de Maio de 1873, teria dado uma prova incontestável de que já quasi octogenario não visava o outra coisa que não fosse a felicidade da patria. Mas não : preferiu até ao ultimo momento, fazer o que tinha feito até então quando fôra do poder, empregando os seus dias sem descanso nem tréguas a minar os alicerces do poder que não tinha nas mãos. Em vez da gloria perdurable que lhe adviria por ter contribuido efficazmente para um dos maiores feitos financeiros e patrioticos que ainda se vio, preferiu prestar-se á critica dos seus adversarios, e deixar em duvida se trabalhava exclusivamente para o bem do seu paiz, ou para disputar a posse do poder que lhe tinha escorregado das mãos. Como político, tendo passado a vida inteira a atacar o sistema republicano, os acontecimentos elevam-no a presidente da Republica, e depois consente pelos seus actos e manifestos que se ponha em duvida se a sua adhesão era sincera, ou se a não daria tão inteira, caso essa Republica dispensasse os seus serviços como presidente.

Não parou onde parece que devia parar. Rodeado dos objectos d'arte que tanto estremeceu sempre, convivendo com os amigos que mais queria, cercado pela familia que adorava; aos baldões entre a sede insaciavel do trabalho e a avidez do poder, passou....

Embora Este homem que não teve outro ideal senão o do movimento continuo, o da actividade intelligente e incessante em todos os terrenos, ora no da politica, ora no da historia, ora no da critica,

sempre em busca de verdade, que elle julgava alcançar inteira, não pôde ser contado no numero dos que passaram sem legar memoria assinalada. Não. Seria injusto confundil-o com os que nascem, vivem e morrem sem deixar rastro da sua passagem.

Os que quiserem amesquinhar o merito d'este homem eminent, que digam se estavam promptos como elle a não desamparar o posto, e a arriscar todos os creditos adquiridos durante uma longa vida de trabalho, pela integridade das suas idéias, e pelo bom exito das do seu partido.

Quando o tempo dispersar os odios que as paixões humanas acumulam sobre a sepultura dos homens politicos, ver-se-ha aquella cabeça intelligente cercada pelos loiros, que só conquistam os que chegaram aos mais altos posto á força d'improbo trabalho.

SALOMÃO SARAGGA.

Paris, 15 de Setembro de 1877.

#### O VENDEDOR DE CORAES

O trajo do judeu que habita os paizes em que se fala arabe é aquelle. Nós chamamos-lhe « O Judeu da tamar. » Quem te havia de dizer filho de Israel que depois de symbolisares na historia antiga o ideal e a crença n'um Deus unico, virias a ser no fim de séculos o typo do ideal moderno — o lucro — a ganancia. As filhas de Sião não choram só pela perda do templo, choram porque em vez de conduzires em tempos de paz os teus rebanhos, como fazia Jacob, e em tempos de guerra combateres pela tua crença como praticavam os teus antepassados, andas pelo mundo qual ave de rapina, vendendo tamaras e coraes e empolgando os dobrões para os acumularas na burra. Substituiste a ara pela caixa, o tabernaculo pelo escriptorio, a fé profunda pelo amor inveterado ao dinheiro; mesclaste o culto de Deus unico com a idolatria de Mammon, e converteste todas as tuas aspirações n'uma só — a de chegar a banqueiro para emprestar aos governos com módico juro. Anda, mixto de fé e torpeza, de humildade e arrogancia, os teus dias ainda não fôrã contados. Pisseia pelo mundo a tua decadencia, prodigiosa de actividade e abundante de baixezas, até que possa ser revelado o segredo da tua duração através de todos os cataclismos sociaes. A tua profunda vitalidade resistio aos embates da Assyria, da Persia, da Grecia, de Roma, do Imperio do Occidente e ás perseguições da Idade Média. Prevaleceste contra tudo e contro todos, milagre de tenacidade e equilibrio.

O Sr. Hodgson é um artista eminent. Ninguem apresenta comme elle tão fielmente os tipos de Oriente. O arabe não pôde resistir ás boas razões que lhe dá o Judeu. Não haja dúvida que acabará por comprar os coraes. O judeu diz-lhe que são quasi dados. Quando essa razão não fôsse bastante forte para o decidir a comprar, havia outra, e é a rapariga desejar-los ardenteamente. Nunca a sua alma cobiçou tanto uma coisa, como a posse d'aquelle coraes. O judeu não a perde de vista. Se se não resolvem depressa, não tarda a offerecer-lhes outros peores por dobrado preço, e então não resistem.

#### P. PAULO RUBENS

Antuerpia, a patria adoptiva do grande artista flamengo, acaba de assistir ás festas do tricentenario de Rubens. Não ha quarenta annos ainda que o bicentenario do nascimento do pintor era solemnizado com as pompas que acompanharam a inauguração da Estatua colossal da *place Verte*. A especie de culto que em nossos tempos as nações prestam aos seus grandes homens é decerto um symptom das necessidades religiosas dos espíritos, que não podem já satisfazer-se com os symbolos e canons

venerados pelas passadas gerações; mas essa especie de culto, exterior e spectaculoso, é tambem de certo incapaz de preencher o lugar vago nas consciencias.

O culto dos grandes-homens é como que uma religião burocratica; e as festas iniciadas e regulamentadas pela authoridade são uma especie de missa de secretaria, onde geralmente os pequenos grãos de enthusiasmo e de fé morrem opprimidos sob as dalmaticas e amiculos, sob as estolas e mitras, dos sacerdotes civis.

O scenario d'estas ceremonias é por toda a parte o mesmo, e Antuerpia assistio, — ao que dizem os *reporters*, — á monotona successão de arcos triumphaes e bandeiras, de procissões e *speeches*, de córos, repiques de sinos, concertos, regatas, exhibições e salvas, com que em toda a parte se festejam os dias oficialmente solemnes, as chegadas dos principes e as aclamações dos soberanos. Sevilha para o centenario de Murillo correria touros, en Antuerpia correram barcos em honra do grande mestre. No estilo consagrado a esta especie de ceremonias usa-se chamar a taes funcções pagamento de dívidas nacionaes. Como quer que seja, as populações folgam; e se o espirito dos grandes do passado mantem consciencia do que hoje vai pelo mundo, será decerto motivo de boa e santa ironia para elles o verem que, sob pretexto do que fôram na terra, pasmam os simples admirados, as creanças todas em riso e alegria, e os homens graves, condecorados e de farda, incham satisfeitos de sentir a realidade com que fazem de personagens.

Antuerpia juntou ás ceremonias usuais em taes casos, — e era de rigor fazê-l-o, — uma exposição de gravuras das obras do mestre, cuja securididade pasma os entendidos : contam-se por mais de mil, e d'entre o numero extraordinario das telas de Rubens, a cathedral de Antuerpia possue a da *Descida da cruz*, considerada geralmente como a sua obra-prima. Abundam os quadros de Rubens pelos museus da Europa; e dos caracteres do artista e dos episodios da sua vida assaz se tem dito, para que o leitor agradeça a repetição. Portugal, tão pobre em riquezas d'arte, possue porém, no dizer do conde Raczyński, o fundador do museu de Berlim, uma *Ressurreição*, que o amavel critico considera *uma das produções mais nobres* de Rubens; essa tela existe no côro da egreja das Mercês de Lisboa.

Pintor e litterato, artista e humanista, *grand-seigneur* opulento e diplomata, Rubens é uma das figuras que aparecem na historia sobre o fundo quente, luminoso e vivo da Renascença. A sua aptidão é geral, a sua actividade omnimoda. Viver é para elle agitar-se, mover-se, respirar, absorver e gozar de tudo o que o mundo sensivel possue activo; mas essa existencia não se cifra n'um egoísmo, senão em uma comprehensão exterior e como que inconsciente da vida. Derrama a tinta a flux sobre leguas de tela, mas esse furor de composição não embaraça nem estorva a habilidade do diplomata, nem a regra e boa-ordem burgueza com que tem na opulencia uma familia adorada. Rubens é o genio dos artistas fortes e secundos, sem serem poetas. Nenhuma allucinação turva o seu olhar, nenhum tremor nervoso lhe impelle a mão; pinta o que vê, o que sente, o que pensa, e como vê, sente e pensa com grandeza e esthetica, as suas obras são obras de arte, sem pertencerem á arte dos immortaes, dos seres em cuja alma superior Deus imprimio a sua figura. Para esses a arte é reveladora; para Rubens é como um espelho, onde os objectos do mundo exterior se repetem e se fixam na sua infinita multiplicidade. As obras de Rubens reproduzem

sob a ação do seu poderoso e inexgotável pincel os incontáveis aspectos da natureza; no espírito grandioso de um Miguel-Angelo descobrimos nós a consciência d'um princípio *calma mater* do Universo.

Os factores de raça e clima, que alguns tem como razão bastante para explicar até as coisas inexplicáveis, entram de certo na produção do individuo de que nos ocupamos, como entram na produção de todos os seres; a historia é porém a nosso ver quem pode dar-nos a explicação do genio de Rubens. Fóra da Renascença não se concebem Rubens nem Rembrandt; e não julgamos paradoxal afirmar que se o acaso não tivesse proporcionado à Flandres os dois homens superiormente dotados que lhe ilustram a historia, na propria época em que os seus dotes podiam fructificar, a pintura flamenga e hollandeza jamais teria de si dado outra coisa além d'aquillo a que Luiz XIV chamava, de certo modo com razão, *magots*. O genio positivista e pratico de flamengos produziu a pintura *de genero*, e não se concebe como podesse ter produzido outra coisa, sem o accidental concurso das faculdades excepcionaes do individuo e da excepcional época histórica em que veio ao mundo. A vida pachorrenta, abundante e feliz, os curtos horizontes intellectuaes, os céos plumbeos e os músculos bem nutridos, o chão alagadiço e os membros entorpecidos, o peso no espírito e no corpo, uma natureza ao mesmo tempo prodiga de alimento e avára da luz, do calor, do ar leve e penetrante, que se respira na Italia e na Hespanha e alimenta a agudeza do engenho, a subtileza do pensamento e a idealidade do gozo; os instintos commerciaes egoistas, e as tendencias da sensualidade carnal, sommados ás condições exteriores da vida, fizeram dos flamengos um povo que, apesar da primitiva origem na arvore germanica, desaprendeu d'ella o culto da mystica flôr ideal que é a gloria e ao mesmo tempo o perigo do temperamento allemão.

Assim, entre a mystica pintura allemã e a pintura *positivista* dos flamengos, a critica descobre diferenças correspondentes ás dos dois caracteres nacionaes. A casa e o seu conchegado interior, geralmente de noite, à luz; a mesa e as comidas fumegantes; as festas domesticas respirando ordem, amor, paz e mediocridade feliz no seio d'um pequeno mundo correcto e bom, especie de azylo no meio das sarai-vadas e dos nevoeiros da região paludosa; eis uma das faces da vida, essencial ao flamengo e á sua pintura. Chega porém a hora em que relectos de comida, rebentando animalidade, transbordando sangue, sentem dentro de si uma coisa bruta (que só o culto do ideal domestica) a saltar aos pulos; e os pobres, enfatiados da ordem afinal monotona, da abundancia afinal insuficiente, largam o freio á besta da animalidade, deitam-se nos braços da embriaguez, da luxuria e da crapula; e a orgia crapulosa é a segunda face, o reverso da medalha do genio flamengo e da sua pintura.

Orgia é acaso a melhor definição do sistema das obras do pintor que Antuerpia acaba de festejar. Orgia de pensamento, de assumptos, de figuras, de composição, de cōres. A natureza é com efeito orgiaca para todos os que n'ella não encontram revelado o principio de ordem immanente no mundo; e a Renascença que foi, de um certo modo, o rebentar expontaneo do sentimento da natureza, é o periodo classico das orgias de toda a especie. Varia porém o phénomeno com as condições em que se dá; e se a orgia nacional flamenga é repugnante, a orgia de Rubens é a desordem de um espírito rico, em cujo seio verá pousar e combater-se as oppostas correntes, e as tendencias encontradas que agitam a época. N'essa desordem aparece decerto a nota do tempe-

ramento nacional, porque grande numero das telas do celebre pintor são bacchanais obscenas, mas essa nota não é a predominante.

Ama os opulentos e brancos seios, e as formas redondas e sensuas das suas Venus fariam corar de pejo e repugnância um grego; mas no incongruente amalgama de tradições pagãs e christãs, de Christos e de satyros, de Magdalenas e de bacchantes, o critico é forçado a reconhecer um estado moral até certo ponto analogo ao de Camões, quando vestia a Baccho a sagrada casula e o punha de altar dizendo missa. Esse impio eclectismo da Renascença, que tudo chamava ao seio de uma omnipara natureza, é já hoje universalmente reconhecido como o primeiro e ainda inconsciente momento de compreensão intima do mundo em que vivemos. A par d'esse naturalismo que tudo subordina a si, Rubens partilha com os Erasmos e os Rabelais, o espírito, não diremos superior, mas decerto, humano, liberal e culto, o espírito de uma tolerâcia, ironia e bom-humor, que os colloca acima dos morcegos que aos bando prolongavam a Edade-media com as lutas religiosas. Educados nas letras antigas, senhores de uma cultura por muitos lados superior á cultura contemporânea, os humanistas são na Renascença os percursoras do pensamento moderno: Rubens aparece entre elles.

A superioridade do artista provém da coincidencia da capacidade especial do individuo e da época dentro da qual veio ao mundo; e o facto da pintura naturalista e prosaica dos flamengos ter dado de si um tão grande homem, provém da circunstância de no seu tempo o mundo conceder a primazia ao naturalismo, ao bom senso, e ao eclectismo humanista.

Oliveira Martins.

#### A MORTE NEGRA

O terceiro marido d'Isabel morreu d'uma prolongada *queixa do peito*. A viúva, que era uma rapariga saudável, tentadora, appetitosa, d'uma forte carnacão campesina, e com a intensa vitalidade das naturezas selvagens, poderia desfilar-se com estas sucessivas desillusões. Porque ella, que passará os ultimos annos em despezas de casamentos e de enterros, estremecendo carinhosamente, com afisco e tenacidade, um marido recente, pranteava-o depois, com um tal apparato de palavras inconsoláveis, que sensibilisava todos os que a ouviam.

Quando lhe morreu este ultimo, o José Chibante, ella chorava com um desespero tão desgrehnado, que até a propria natureza austera e muda — as altas arvores, os altos montes e os negros penedos pareciam compungidos.

Porque caia n'esse momento um aguaceiro copioso e subtil, que dava, ao soego das coisas naturaes, um carácter funerario e lugubre. As densas paizagens, envolvidas d'um gaze pardacento, não se viam cortadas ao longe pelas alegres claridades das habitações. A linha irregular do horizonte não se riscava no azul das tardes serenas e desejadas. O grosso volume das penedias occultava-se nas densas nuvens, que rasgavam, transpondo montes, transpondo valles, correndo sempre, com uma impassibilidade gigantesca, como de valentes cavallos de posta.

Ora Isabel viúva pela terceira vez, sentira durante a noite o som ululante do trovão, e presenciaria os ultimos momentos angustiosos de seu marido ago-

nissante. Ella, que era uma rapariga forte e com as seduções da belleza e da juventude, sentia-se aniquilada! Exprimia-o com gritos angustiosos, com gestos vehementes, com palavras de desespero, d'amor, de saudade. As suas boas lagrimas, abundantes, sinceras e quentes tinham atraido a caridade d'algumas vizinhas, que lhe trouxeram logo consolações, excellentes palavras, atenções urgentes n'aquelle momento doloroso. Eram amigas e companheiras nos trabalhos ordinarios da laboura, e que tinham assistido ao morrer dos dois maridos antecedentes d'Isabel. Por isso conheciam muito bem o que se passava, e quando ouviram os primeiros gritos alarmantes, fecharam as portas, e pelo caminho para casa da viúva, diziam cheias de tristeza:

— Então sempre se foi o Chibante?

— Parce que sim, mulher! Quem t'o havia de dizer, um rapagão como um castello!

Uma disse com um modo interrogativo:

— Eu não sei como isto é! Tanto elle como os outros, logo depois de casarem, arranjaram umas caras de bruxaria que mettiam medo!

Lindaria com aspecto compadecido teve esta opinião:

— Olha que eu *tamen* tenho pena d'ella! Digam o que disserem, ha-de-lhe custar.

— Ora!... duvidou uma terceira encolhendo os hombros.

Porém estas mulheres não tinham dito tudo. Caminhando juntas, uma rematou esta conversa dizendo com naturalidade:

— Isto assim é que não tem geito. Ella não deve casar mais.

Em seguida entraram na casa d'Isabel que estava sentada na lareira, com a cabeça enregicamente apertada entre as mãos, chorando com desespero.

Ellas para a socegarem disseram-lhe serenamente e com os olhos enxutos « que não se affligisse mais, que aquillo foi vontade do Senhor que tudo manda, » e acrescentavam com fé e confiança na Infinita Misericordia:

— Olha que elle ha de estar em bom lugar!...

— Deus vos ouça, Deus vos ouça — repetia muitas vezes Isabel.

As amigas certificavam-lhe:

— Ha de estar, ha de, rapariga.

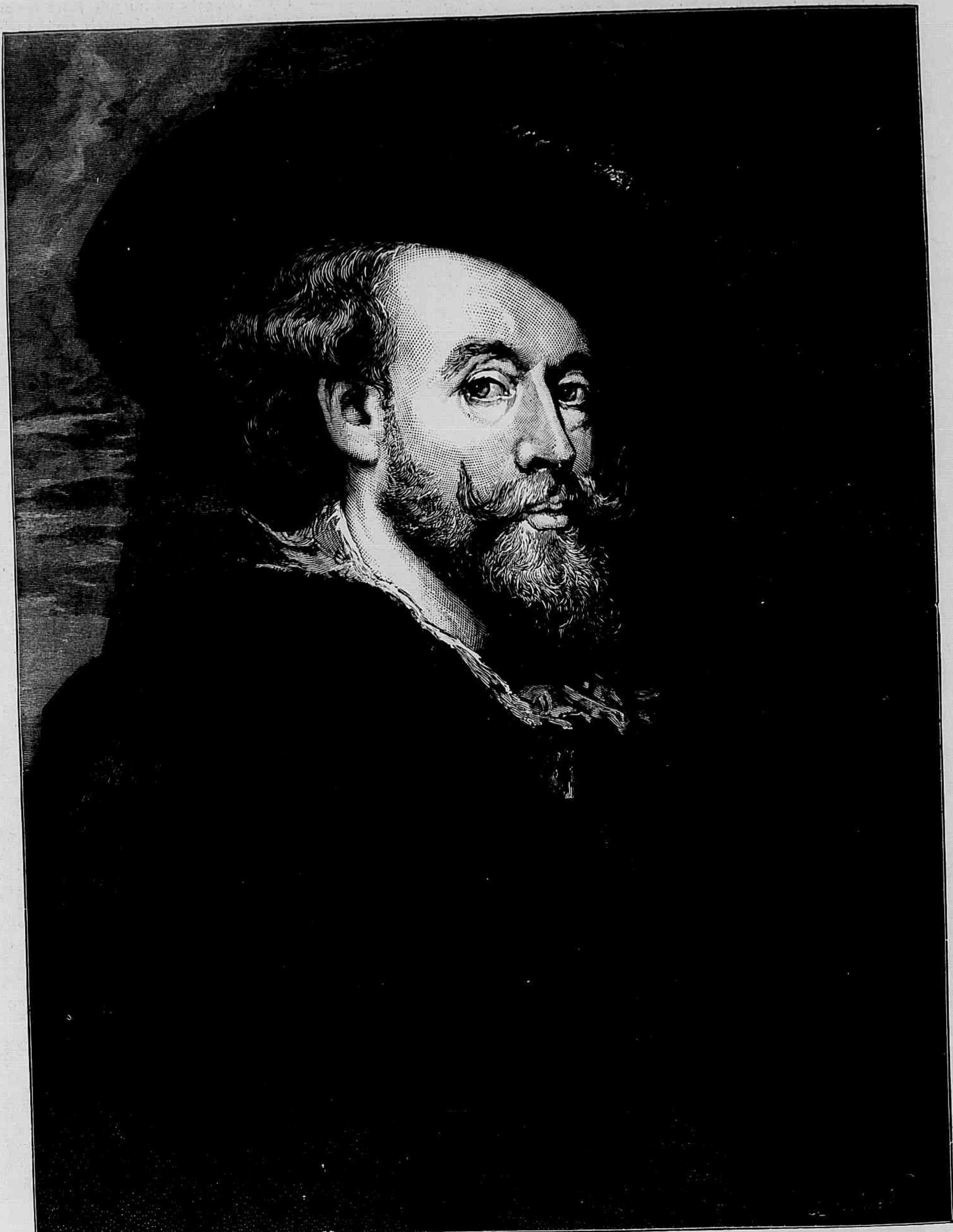
Depois foram á cama ver o defunto. Estava coberto com um lençol; mas elllas descobriram-no com familiaridade, com irreverênciæ. Viram-no bem, de costas sobre a cama, com os punhos atados sobre o peito e com um lenço *amarrando-lhe* as maxillas para se conservarem n'uma posição decente. Aquelle lenço branco em que se enquadrava o rosto augmentava-lhe a lividez; as palpebras cuidadosamente cerradas accentuavam o ar sereno e grave d'este cadaver, que todas viam n'uma posição reflectida, com as pernas estendidas e os pés levantados no fundo da cama.

— Eu não sei como tu podes fazer isto. Eu cá se me morresse o *homem* é que o não vestia — disse uma para Isabel.

Ella respondeu com uma voz commum, interrompendo momentaneamente o choro:

— Pois então? Ninguem faz isso melhor que a gente.

Porque a camisa d'altos collarinhos lavados e as calças de panno azul, tinham sido vestidas ao José Chibante, por sua propria mulher, que lhe quiz fazer este ultimo acto, o acto da eternidade. O defunto estava quasi preparado, com a augusta seriedade d'un morto, para a sua festa d'enterro. Uma das amigas d'Isabel exclamou sinceramente:



PEDRO PAULO RUBENS

RETRATO PINTADO PELO PROPRIO ARTISTA, ACTUALMENTE NA COLLECÇÃO DE WINDSOR, PERTENCENTE À RAINHA D'INGLATERRA



A SEGUNDA MULHER DE RUBENS

RETRATO FEITO PELO ARTISTA FLAMENGO, ACTUALMENTE NA GALLERIA DE WINDSOR, PERTENCENTE À RAINHA D'INGLATERRA

— Como elle vai bonito e aceitado!

Ella interrompeu do novo as suas lagrimas para dizer :

— É a roupa de bôda. Faço sempre assim. Quero que vão muito bonitos.

E concluiu dizendo que desejava que José fôsse de *terceiro*; porque elle era *irmão d'esta ordem* e ficava-lhe muito bem o habito com a sua côr parda e um cordão novo em volta da cintura caindo-lhe as bordas sobre os pés. Ella lembrava-se muito bem de quando elle ia na procissão de passos, alinhado cuidadosamente com os outros companheiros, levando a sua tocha na mão, muito sério, já com a sua cara magra e doente, amparada nos altos collarinhos da melhor camisa. E a propósito d'isto disse, que elle estimava muito aquelle rico habito; que muitas vezes dissera que o havia de levar para a cova. E rematava :

— Ha de ir á vontade d'elle. Quero-l'ha fazer até á u'tima.

— Fazes tu muito bem — incitavam fortemente as amigas.

Uma d'ellas foi procurar o Coruja para vir vestir o habito. O coveiro chegou resmungando e disse palavras desgostosas e insolentes quando viu o defunto quasi prompto. Depois assobiando um canto-chão e bebendo d'uma infusa de vinho, vestiu o habito ao morto e ageitou-o dentro do esquife cuidadosamente, com esmero, compondo-lhe o lençol *rebicado*, e endireitando-lhe a cabeça n'uma posição natural. Logo que isto foi concluido, Isabel e as suas amigas principiaram a chorar mais alto, com um choro ganido e espantado, em volta do esquife. Então o vesgo e cambado Coruja, com os seus arremessos grotescos e irregulares disse-lhes com modo brusco e malcreado :

— Por um olho azeite e por outro vinagre minha corja de... Quem vos não conhecer que vos compre.

E referindo especialmente a Isabel acrescentou :

— Já trazes outro d'olho?

As mulheres, offendidas, responderam indignadas nente :

— Calla-te, bebedo!

— Anda grandissimo borracho — remata com accento desprezivel a beata Lindoria.

Depois, como o chôro de Isabel se continuava d'un modo intenso e as suas amigas sabiam que lhe fazia mal, produzindo-lhe ataques em que parecia possuida do demonio, principiaram a vulgarisar-lhe o acontecimento, e a amesquinhal-o dizendo :

— Olha que não ficamos cá. Hoje por elle e amanhã por nós.

E Lindoria, com um aspecto vulgar e pouco sensibilizador, disse, chegando-se ao esquife, sorrindo :

Mas o que elle vai é muito lindo. Pôdes ter essa gavança, mulher. É um gosto olhar para elle.

A final veio-lhes a lembrança sensatissima de que Isabel precisaria de comer, e disseram :

— Tu has de estar por força fraca, e esse chorar faz-te mal, pode-te cair no coração.

A viúva recusou-se teimosamente, dizendo que não lhe entraria nada na boca, que lhe parecia que tinha comido o seu ultimo bocadinho, e, fallando em morrer, o seu desespero era enorme e as suas palavras afflictivas.

Porem Lindoria, com a sua grande prudencia, dizia-lhe repreensiva, com auctoridade :

— Estás tola, repariga! Não querer comer! São lá coisas que se digam. O'ha que até ofendes ao Senhor que te creou!

E por isso, sem consentimento da viúva, combinaram em lhe arranjar *alguma coisa*. Como era no tempo da matança dos porcos, uma visinha que

morava paredes meias com Isabel foi-lhe arranjar uns rojões e trouxe-os juntamente com uma voz convidativa e discreta disse, logo ao entrar :

— Vamos a elles enquanto estão quentes e não vem por ahí gente á agua benta...

— Tens razão, tens — confirmou a prudente Lindoria com aspecto guloso.

Isabel obstinava-se dizendo com a mão apertada na garganta :

— Esta (a morte do Chibante) não me passa d'aqui. Agora é que fico para toda a vida. O que eu tenho passado em sete annos!...

Era o tempo que lhe tinham durado os trez maridos.

Uma das mulheres prudentes e sensatas que a cercavam disse-lhe :

— É isso verdade mulher. Razão tens tu. Mas se é vontade de Deus? (interroga de cara alta). Agora sem comer é que não somos nada n'este mundo.

E para a incitarem, para lhe quebrarem os ultimos melindres, principaram ellas a comer rojões com a mão e a beberem vinho, todas pela mesma infusa.

O morto estava no esquife, com o seu habito de *terceiro*, sobressaindo na branqueira do lençol de panno fortemente engomado, com recortes vistosos, que caiam dos lados. Tinha as pernas alinhadas, as mãos agarrando um ramo d'oliveira, e no rosto, pallido e sofredor, a dolorosa expressão resignada dos que tem sentido o ultimo momento da vida. A cabeceira do esquife, sobre uma velha caixa de pinho coberta por uma toalha, estava um crucifixo, com duas velas dos lados; aos pés, a caldeira d'agua benta com um ramo dentro, esperava os amigos do finado, que tinham de vir espargir, resando. Sobre aquelle cadaver havia a suprema serenidade da morte impassivel, severa, com toda a sua profunda austeridade absorvente.

Isabel depois de reiterados convites das suas amigas principiou a comer com moderação e com pouca vontade.

— Isto é para vos satisfazer; porque *elle* não me passa d'aqui — dizia, apertando novamente a garganta.

Lindoria com um ligeiro riso cyniquo provocava-a :

— Entra-lhe mulher, anda-lhe. É necessario.

E olhando preventivamente para a porta acrescentava :

— Por ora não vem ninguem, pôdes ter a certeza.

Mas, pouco depois, sentiram passos que se approximavam. Uma das mulheres metteu no forno, com precipitação, o prato dos rojões, deixando a porta aberta imprevidentemente. Outra escondeu com sagacidade a infusa debaixo d'um banco. Depois, compondo-se com rapidez, tomaram as suas attitudes chorosas, fallando com lagrimas no caso presente, lamentando esta perda e dando á dorida as melhores consolações. Instantes depois appareceu o velho Agrella, que vinha resar pelo morto.

O alfaiate entrou com face respeitosa e compungida. Resou cordatamente, com sinceridade e em seguida entrou no círculo das creaturas que ensinavam Isabel a resignar-se.

A mulher do José Chibante tinha intermitencias de sentimentalidade — umas vezes chorava alto lamentando-se do só que ficava, achando-se enormemente infeliz e desgraçada; outras, entrava sozegadamente em detalhes, em referencias, em particularidades do modo como vivera com o falecido.

No entretanto, um gato negro da vizinhança, en-

trou pela porta dentro, observando serenamente, revolvendo com sagacidade os seus olhos redondos e luminosos. Com a imperceptibilidade d'uma sombra dirigio-se para junto do forno, levantou com mansidão a cabeça e averiguou olfativamente. Firmou-se em seguida nas pernas, arqueou o corpo, estendeu-o, retesou-se, e, fazendo um salto, entrou pela porta do forno. Pouco depois voltou, saltando ao chão, e trazendo um rojão que poisou sozegamente junto do esquife e principiou a comer com o sôfrego appetite do gulotão.

O Agrella via tudo isto com clareza, e o gato foi buscar mais rojões, que veio comer junto da caldeira d'agua benta. O alfaiate teve immediatamente conhecimento da scena que se teria passado antes da sua entrada desagradavel e inconveniente. A infusa que vio debaixo do banco e que uma das carpideiras procurava encobrir, espalhando a saia, completou-lhe o quadro. Porem o seu rosto foi impenetravel, e continuou a seguir a linha das lamentações, fallando das qualidades excellentes do homem d'Isabel.

Lindoria, a velha beata, compungida e lacrimosa, era quem mais salientemente reclamava as boas palavras, os elogios as lagrimas para a memoria do defunto, que alli estava, serenamente deitado n'aquelle esquife. Ao mesmo tempo que lamentava os irreparaveis estragos da morte, via, apopletica de raiva, o malvado gato negro que entrava no forno repetidas vezes, trazendo sempre rojões. N'um momento, lançando olhares furtivos ao *ladrão* disse, n'uma voz lamentosa, uma d'essas phrases equivocas, que denunciavam a sua alma :

— *Ab morte negra, morte negra!* — dizia a beata cheia de compuncão — que assim os vaes levando a um e um!

O Agrella ouvindo isto levantou-se sereno e talvez indignado. Baixou-se sobre o banco, pegou na infusa de vinho escondida, e dando-a para Lindoria, disse-lhe n'uma voz compungida e d'um comico ardente :

— Pega lá mulher, deita áquelles defuntos d'esta agua benta.

E saio sozegadamente pela porta fóra. Lindoria veio até á soleira e chamando-o com uma voz convidativa e cheia de confiança dizia-lhe piscando-lhe um olho :

— Ó Agrella, Agrella! Anda cá pedaço de tratante. *Tamem és bó*.

Porem elle, ao riso conciliador e ás boas palavras convidativas, respondeu-lhe simplesmente com um gesto dizendo :

— Olha.....

E distanciou-se com passo natural.

BENTO MORENO.

### A FADA AZUL

Um dia a fada azul desceu á terra com o intento de distribuir, a todas as suas filhas, as habitantes dos varios paizes, os thesouros de mercês que trazia consigo.

O seu anão Amarante tocou a busina, e imediatamente uma joven de cada nação se apresentou aos pés do throno da fada azul.

N'um instante todas estas unidades juntas formaram uma multidão consideravel. A boa da fada disse a todas as suas amigas :

« Desejo que nenhuma de vós se queixe da da-

diva que lhe vou fazer : Não me é possível dar-vos a cada uma a mesma coisa; uma uniformidade similar não lhe subtraria todo o mérito ? »

Como o tempo é precioso às fadas, fallam pouco. A fada azul limitou ao que vai dito o seu discurso, e começou a distribuição dos presentes. Nenhuma teve razão de queixa.

Deu à joven que representava todas as Castellas, cabellos tão negros e tão compridos, que podia fazer d'elles uma mantilha.

À Italiana, deu olhos tão vivos e ardentes como uma erupção do Vesuvio no meio da noite.

À Turca, uma nedieza roliça como a lua e suave como a pennugem do cysne.

À Ingleza, uma aurora boreal para tingir as faces, os labios e os hombros.

A uma Allemã, dentes como ella propria tinha, e — o que não vale mais do que uns bonitos dentes, mas que tambem tem o seu valor — um coração sensivel e profundamente inclinado a amar.

A uma Russa, a distincção d'uma rainha.

Depois, passando ás particularidades, collocou a alegria nos labios d'uma Napolitana, a graça na cabeça d'uma Irlandesa, o bom senso no coração d'uma filha da Holland, e quando já não tinha mais que dar, levantou-se para proseguir o seu voo.

« E eu ! disse-lhe a Parisiense, sustendo-a pela orla fluctuante da tunica azul.

— Ai esqueci-a !

— Completamente.

— Estava tão perto de mim, que a não vi. Que lhe posso eu agora fazer ? O sacco dos presentes está vazio. »

A fada pensou um momento, depois, com um aceno chamando a si todos as suas encantadoras obsequiadas, disse-lhes : « Sois boas, porquanto sois bellas. Compete-vos dar satisfação de uma injustiça muito grave que commetti : esqueci, na minha distribuição, a vossa irmã de Paris. Peço a cada uma que se desprenda d'uma parte do presente que lhe fiz e que a dê á nossa Parisiense. Perdereis pouco e indemniseis muito. »

Quem é capaz de recusar-se a uma fada, e especialmente á fada azul ?

Com a amabilidade que sempre distingue as pessoas felizes, estas damas chegaram-se uma após outra á Parisiense, e deitaram-lhe, ao passarem por ao pé d'ella, uma um punhado dos seus bellos cabellos pretos, outra um pouco do rosado da tez, esta um resplendor da sua viveza, aquella o que poude da sua sensibilidade, e aconteceu assim que a Parisiense, a principio muito obscura e insignificante, achou-se n'um instante, em virtude d'esta partilha, muito mais rica e muito mais bem dotada do que qualquer das suas companheiras.

A fada azul já tinha subido ao céo, sorrindo-se.

LÉON GOZLAN.

#### GUERRA DO ORIENTE

##### OS BACHI-BUZUKS

Este nome é composto de duas palavras turcas : *bathi*, cabeça, e *buzuk*, doida, má cabeça.

Quando um turco não sabe o que ha de fazer de si, pega na espingarda e monta a cavallo ; se não tem cavallo vae roubal-o, e está feito *bachi-buzuk*. Em tempos de paz, o *bachi-buzuk* é o odio ao christão incarnado no homem, o seu officio é viver á custa do desgraçado

raya, como companheiro inseparável do recebedor d'impostos. Se uma aldeia é rica, paga para se ver livre d'este hospede incommodo ; se é pobre é saqueada com o pretexto de se cobrarem os impostos. Todos os vagabundos do imperio são *bachi-buzuk*, e acontece muitas vezes que o proprio governo é molestado por estas quadrilhas que praticam o roubo a descoberto, organizando-se sem lhe darem parte.

Em tempo de guerra, os *bachi-buzuk*s deveriam representar o papel da cavallaria irregular dos outros paizes, dos cossacos por exemplo. Nenhuma comparação, porém, se pôde fazer entre os arrojados exploradores russos e estes bandidos.

Como cada um se veste e se arma conforme pôde, ou antes segundo o vestuario e as armas que ponde roubar, um batalhão de *bachi-buzuk*s apresenta um aspecto variadíssimo de trajes e typos. Estas levas de voluntarios são fornecidas principalmente pelas raças cuja submissão á Porta não é tão completa quanto se poderia desejar, para que fosse possível recrutar entre elles os contingentes do exercito regular. A maioria compõe-se de Arabes, Syriacos, Albanezes, Kurdes, Tcherkesses e Ponzaks (Bulgaros musulmanos). No entretanto ha n'estas fileira um typo que predomina, e é o do homem magro, de pernas nervosas, de calção muito largo e polainas altas, jaleco grego apertado na cintura por uma cinta de lã, e cabeça coberta por um barrete alto ou por um turbante enorme, cujo tamanho dá a medida do zelo das suas convicções religiosas. Um arsenal de facas de todas as dimensões e de pistolas de todos os feitos presas á cintura completa pittorescamente esta physionomia de salteador.

Este heroe do assassinato, do roubo e da rapina só é bravo quando tracta de defender a pelle e não pôde fugir para a salvar. Toda a sua estratégia consiste em pôr-se de embuscada. D'ali espia o inimigo e dispara sobre elle, se está certo que é mais fraco e menor em numero. Feroz e carniceiro, se consegue matá-lo cae-lhe em cima para lhe cortar a cabeça, e despojal-o até ao ultimo botão. É tão implacável e inveterado o odio que tem ao christão, que ainda depois de cadaver mostra na physionomia a expressão de rancor e de raiva coacentrada, que a morte não pôde debellar.

##### DO LADO DOS RUSSOS. — APANHADO COM AS MÃOS ENSANGUENTADAS

O facto que temos ali presente é bastante vulgar na actual campanha dos Russos. Aquelle Bachi-Buzuk foi preso pelos Ulanos Russos no momento em que estava commettendo alguma atrocidade, e é arrastado á presença do commandante para ser julgado. O julgamento será rapido e severo. Não ha senão uma sentença para taes crimes — a morte.

##### DO LADO DOS TURCOS BULGAROS CONDENMADOS Á FORÇA, SOB A ACCUSAÇÃO DE TEREM MUTILADO MAHOMETANOS

D'uma parte e d'outra tem havido crelades e atrocidades sem conto. Mas pede a justiça que se diga que os Russos n'esta campanha tem sido menos barbares do que os Turcos. Os Russos deixam a vida aos seus prisioneiros, mas os Turcos entendem que é necessário forjar uma accusação qualquer para os condemnar á morte. Isto em alguns casos. N'outros, dispensam a accusação e cortam a cabeça a todo o christão que lhes cai nas mãos, sem mais forma de processo. Mais fanaticos do que os Russos, o fanatismo torna-os ferozes e sanguinários.

No caso que representa a nossa gravura talvez a accusação seja legitima. Os Bulgares Christãos tem aprendido a ser cruéis com os Turcos. Mais d'uma vez se tem queixado os Russos por se verem obrigados a combater ao lado d'elles. Em louvor das authoridades Russas devemos dizer que tem sido inuteis todos os esforços feitos até agora para os impedir de practicar actos que deshonram a bandeira que servem. Tem chegado a tal ponto a barbaridade dos Bulgares, que um oficial Russo vio-se obrigado a dizer : « Vimos á guerra contra os Turcos para proteger os Bulgares, e agora temos que combater os Bulgares para proteger os Turcos. »

#### REVISTA BIBLIOGRAPHICA

Decorreu o ultimo mez, sem terem apparecido novas publicações literarias ou scientificas ; e por isso será breve a nossa revista que tem um carácter quasi exclusivamente noticioso. Em Portugal são numerosas as traduções de livros estrangeiros, e superabundantes as publicações literarias periodicas ; os jornais literarios vivem quasi sempre vida ephemera ; mas com infatigável perseverança são substituidos por outros que tem igual duração. Dos livros portuguezes não se pôder dizer o mesmo. Decorrem ás vezes mezes, sem que a chronica possa registar novas publicações, se excluirmos os relatorios, e os almanachs que pullulam. Estamos n'um desses periodos de esterilidade, que os ardores do estio peninsular talvez justifiquem.

Se o leitor se não contenta com esta explicação, não nos compete neste logar descermos a averiguaciones mais profundas.

Para os editores portuguezes é que nós reservamos hoje todos os nossos aplausos. A boa vontade, e a coragem de editores são inexcediveis, e dignas dos maiores encomios. Nem mesmo a falta de authores os desanima ! Assim elles, esses benemeritos cidadãos, tivessem á sua disposição quem escrevesse livros... livros bons, entende-se !

Uma das empresas editoras de Lisboa, a empresa das *Horas Românticas* está actualmente publicando uma obra de incontestavel utilidade. É um *Dicionario de Geografia Universal, composto segundo os trabalhos geographicos dos melhores autores, contendo cópia de esclarecimentos e informações necessarias ao commercio, ás artes e industrias, e muito desenvolvido na parte concernente a Portugal, ás colónias portuguezas e ao Brasil.*

A parte já publicada do Dicionario chega quasi ao fim da letra B, e comprehende 21 fasciculos *in-folio*. Cada mez se distribuem dois fasciculos.

Em todos os paizes, os grandes Dicionarios especiais completam as informações das pequenas e grandes Encyclopedias, que pela sua mesma universalidade são obriga-das a limites muitas vezes restrictos. Em Portugal parece começar a comprehendér-se a vantagem destes Dicionarios, e a empresa das *Horas Românticas* contribue nesta publicação com um subsidio apreciavel.

#### Tragédia Infantil, por Guerra Junqueiro.

É um poemeto destinado ás crianças pelo notável e secundo poeta.

O Sr. Guerra Junqueiro é um dos poetas portuguezes modernos, de imaginação mais poderosa e viva. Não é um poeta de sentimentos individuaes; nem um sonhador apaixonado de um ideal mysterioso; nem um visionario que prescruta com o olhar fixo as regiões insondáveis do *Cosmos* ou o mysterio indecifrável da Consciencia. É principalmente um artista. As idéas que agitam o seu tempo, transforma-as elle em imagens radiosas que affluem em torrentes, e que se enlaçam e entrelaçam em infinitas combinações. As suas opulentas estrophes tem a força vigorosa de quem, com a facilidade e abundância da inspiração, possue todos os segredos da arte.

JOÃO TEDESCII

#### VARIEDADES

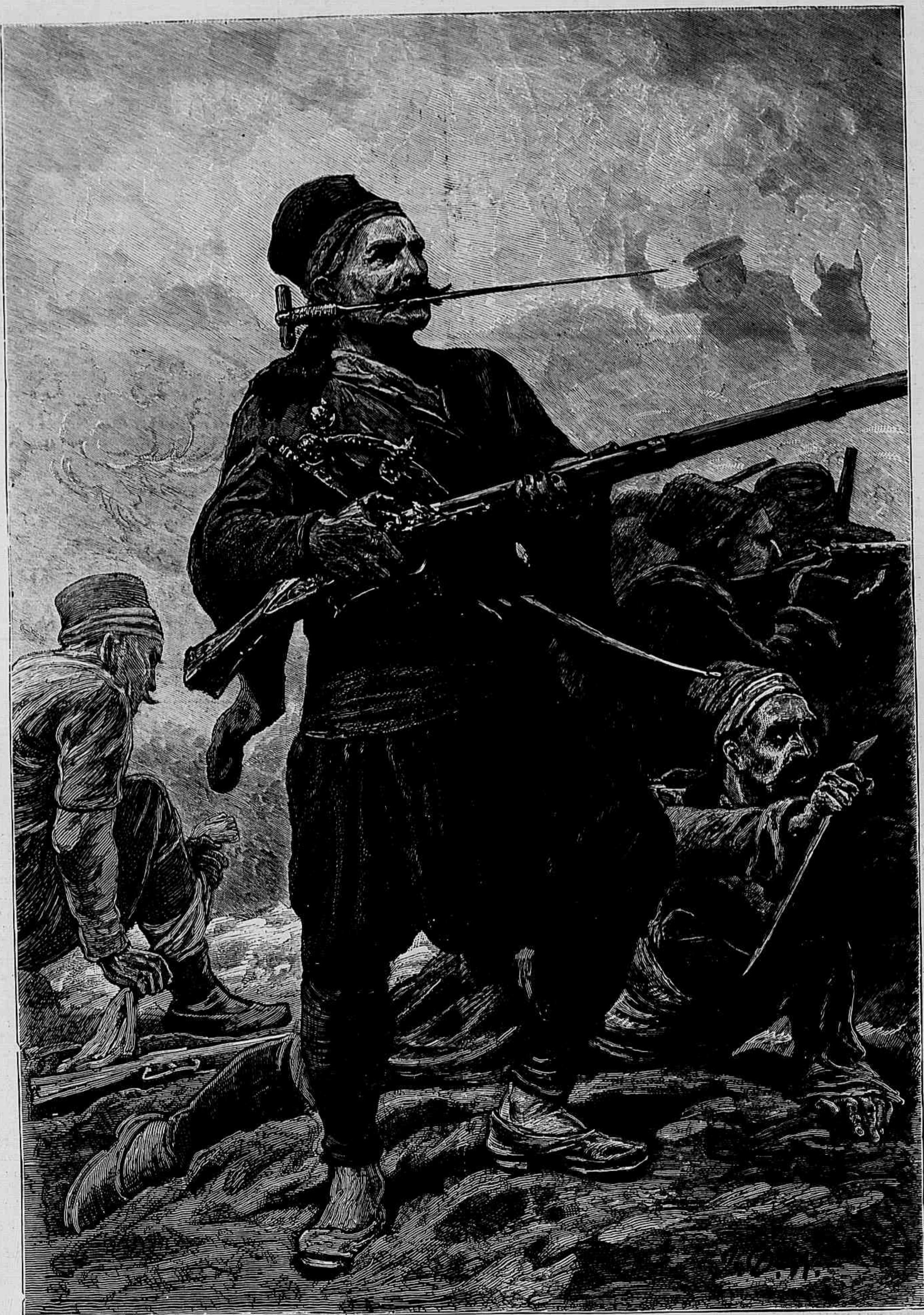
**EXPOMIÃO DE 1878 — O PAVILHÃO CENTRAL DO PALACIO DO TROCADERO.** — Em França não existe contrucao alguma que attinja as dimensões d'este pavilhão : será unica, quer como largura, quer como altura.

Para darmos uma idea diremos que a altura interior será de 66 metros, e que as quatro torres que flanqueiam o pavilhão teão 83 metros de alto.

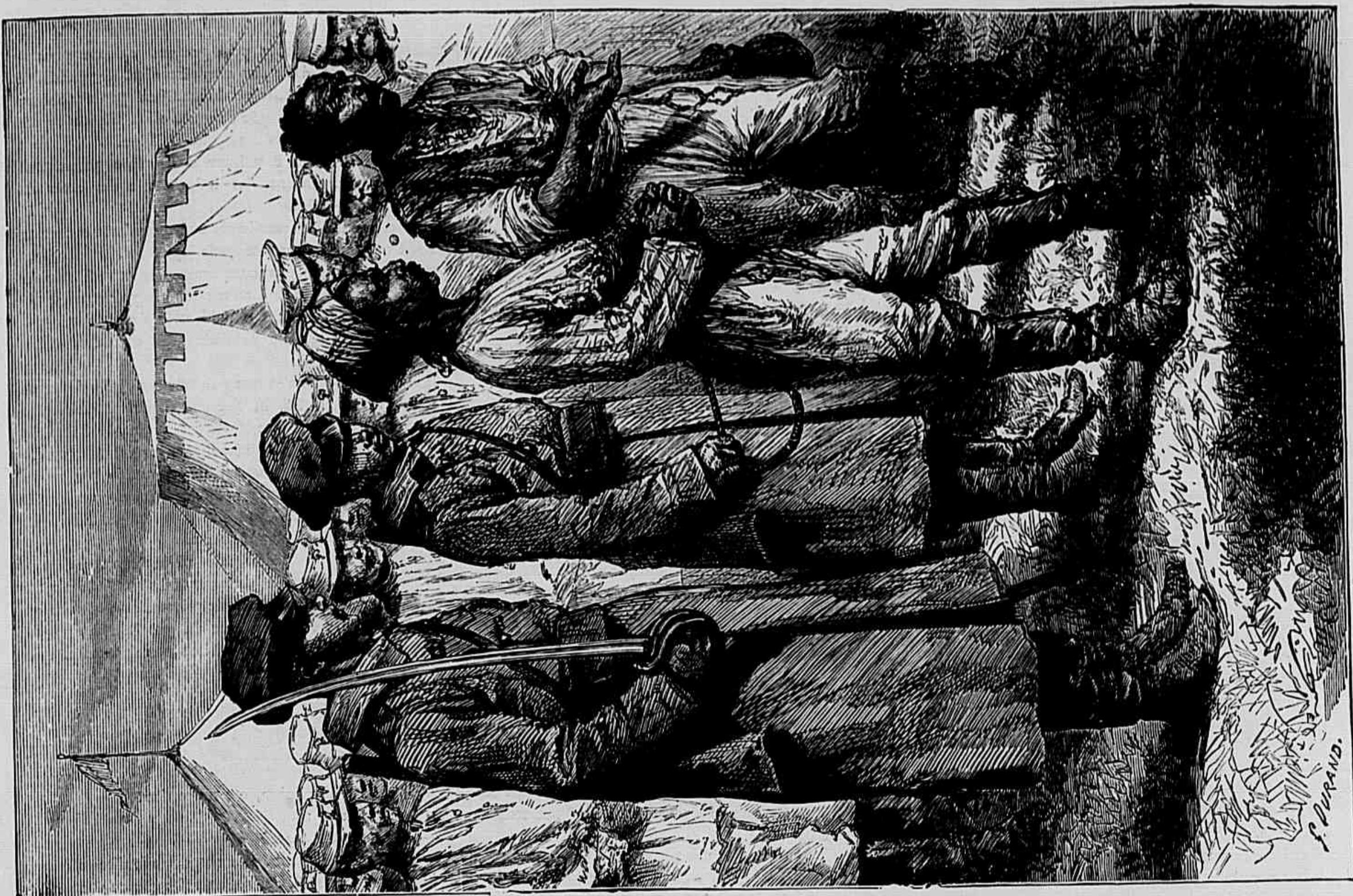
Haverá 40 estatuas sobre os pillares exteriores que chegam todos já á altura devida.

Esta sala poderá conter 600 pessoas.

**OS POMBOS CORREIOS.** — Fizeram-se ultimamente varias experiencias com o fim de ver se se poderia obter comunicações rápidas e promptas entre os barcos de pesca e a

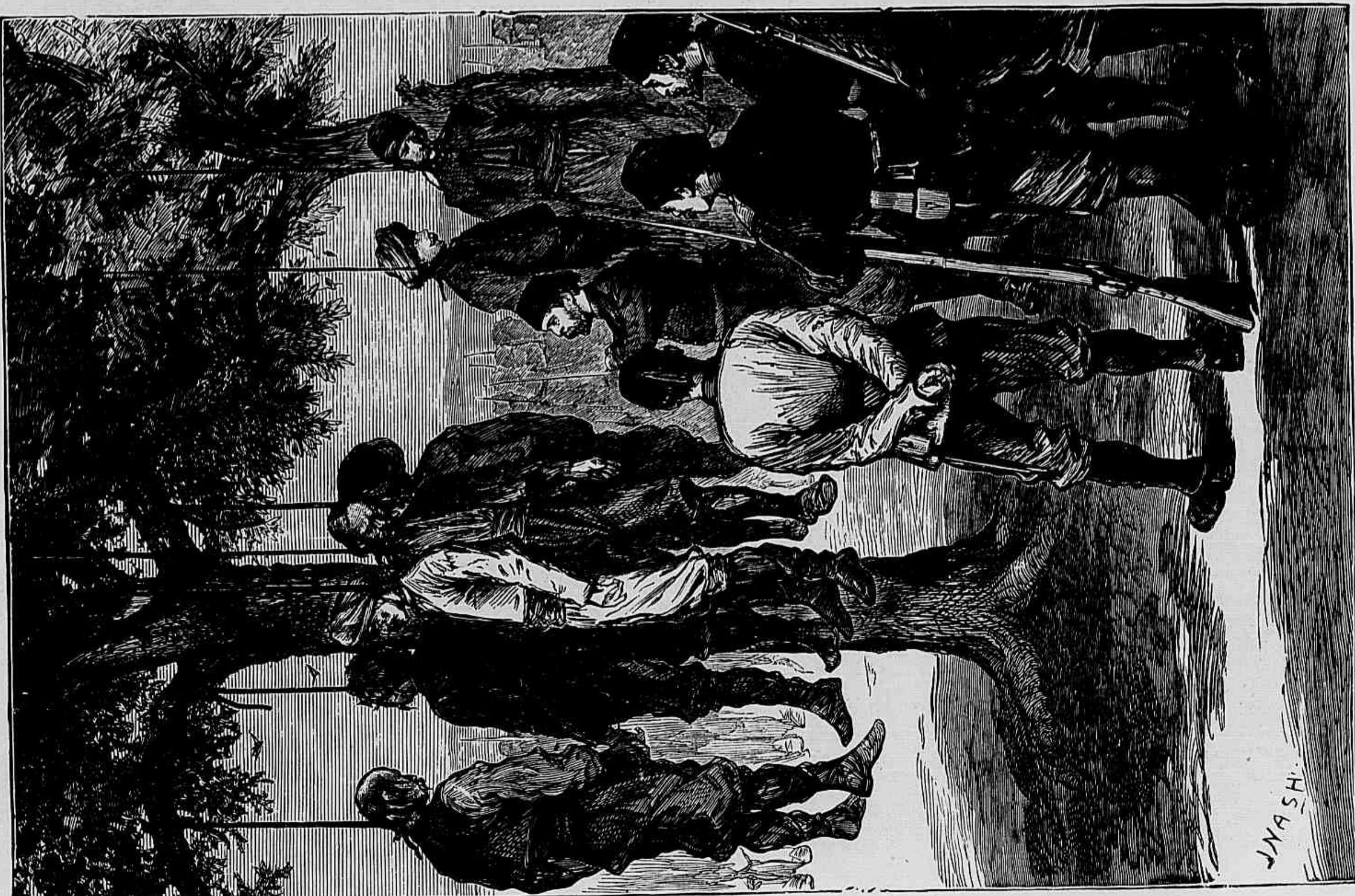


DO LADO DOS TURCOS : BACHI-BUZUKS ACOSSADOS



DO LADO DOS RUSSES. BACHI-BUZUK APANHADO COM AS MÃOS ENSANGUENTADAS E ARRASTADO À PRESENÇA DO COMMANDANTE

DO LADO DOS TURCOS: PERTO DE KARABURNAR — BULGAROS ENFORCAJOS SOB A ACCUSAÇÃO DE TEREM MUTILADO MAHOMETANOS EM ISKISARA



terra. Estas experiencias foram feitas na costas da Inglaterra, e obtiveram um resultado satisfatorio. Eis o processo :

Embarca-se um pombo a bordo de cada um dos barcos que saem para a pesca de tarde, e no dia seguinte depois de se terem puchado as redes e verificado a importancia da pesca, larga-se a ave depois de se lhe ter atado em torno do pescoco um pedaço de papel no qual vao escriptas a quantidade de peixe pescado, a posição do barco, a direcção do vento, a data provavel da volta, etc., etc.

Se a força ou a direcção do vento não é favoravel, podem por esta forma pedir um rebocador, que em vista d'estas indicações, não tem muita dificuldade em encontrar o barco.

Por este sistema pôde-se, com a maior rapidez, dar parte das disposições que os interessados teem a tomar para expedirem, porem à venda, ou salgarem o peixe.

Estes pombos, apenas os soltam a bordo, dão invariavelmente trez voltas á roda da embarcação, antes de voarem para a costa.

\*\*

A Companhia Geral dos Omnibus de Paris publicou a seguinte estatística.

Durante o anno de 1876, 649 carruagens foram postas em circulação, diariamente, por esta Sociedade; cada carruagem, termo médio, percorreu 91 kilometros, ou sejam por dia, para as 649 carruagens, 59,743 kilometros (a volta do mundo), e 21,77,115 kilometros no anno inteiro.

O numero de viajantes transportados foi de 111,250,663 durante o anno, ou 306,762 por dia. A receita média por viajante foi de 18 centimos (pouco mais de 32 réis).

Só os tramways de duas linhas (Étoile e Trône) funcionando quotidianamente durante o mesmo anno, e que são 39, andaram conjuntamente por dia 3,588. e no anno 1,309,620 kilometros.

O numero de viajantes transportados pelos tramways d'estas duas linhas durante o anno foi de 12,631,660 viajantes.

Se sommarmos temos 123,882,323 pessoas transportadas pelas carruagens d'uma só companhia, mas se lhes juntarmos o numero de viajantes transportados pelos tramways d'outras companhias e pelos caminhos de ferro do interior de Paris, attingiremos a somma fantástica de 250 milhões de viajantes, dentro dos muros de Paris, produzindo uma receita de mais de 8,000 contos no espaço d'un anno.

\*\*

AS NAÇÕES ESTRANGEIRAS NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1878. — Parece-nos útil, no momento em que as contruções do Campo de Marte começam a desenhar as grandes linhas do plano da Exposição Universal, lançar um rapido golpe de vista sobre as posições e o lugar que será ocupado por cada uma das exposições particulares das nações estrangeiras.

Os pavilhões que lhes são destinados prolongar-se-hão de oeste a leste. A fachada ingleza, que compreenderá 17 metros, apresentará um golpe de vista dos mais ricos e interessantes. A Gran-Bretanha liga uma grande importancia à sua exposição. Provavelmente será uma das primeiras a estar prompta. A Inglaterra mostra um desvelo e um orgulho aliás legitimos em exhibir aos olhos do mundo inteiro, d'un lado, as maravilhas da sua industria; do outro, as magnificas colecções d'objectos preciosos trazidos pelo principe de Galles na sua viagem recente à India.

Seguindo pela sua ordem encontrar-se-hão as exposições da Belgica, dos Paizes-Baixos, da Suecia e Norvega, do Imperio Austro-Hungaro, da Russia, da Suissa, da Italia, da Hespanha e a de Portugal. Cada pavilhão apresentará tanto na fachada como na construção o carácter distintivo, e gosto especial da nação a cujos productos se destina.

Os paizes longíquos não serão decerto aquelles que menos attractivos oferecerão aos visitantes da Exposição. Se começarmos pelos Estados mussulmanos das margens do Mediterraneo, o Imperador de Marrocos decidiu-se a confiar a Europeus a organisação da exposição dos productos do paiz que domina.

O Bey de Tunis tomou, desde o começo, as suas medidas para ser dignamente representado. As complicações que rebentaram no Oriente não impediram o khediva de dispôr as cosias de modo que podesse ter uma parte brilhante n'este grande concurso pacífico. O Sr. Mariette-Bey, o eminent director do museu de Boulacq, o paciente e engenhoso sabio que desentranhou tantas riquezas desconhecidas do seio da velha patria dos Pharaós, foi encarregado de organizar, n'um monumento especial reproduzindo fielmente o typo d'un templo do antigo Egypto, uma Exposição cujo interesse artístico e archeologico será muito apreciado pelos curiosos e conhecedores.

O extremo Oriente luctará em riqueza e esplendor com as mais brillantes Exposições. Pela primeira vez, o Celesto Imperio será representado no estrangeiro por commissarios nomeados pelo governo chino e pertencentes, em parte, à carreira administrativa. O presidente da comissão, inspector geral das alfandegas marítimas, o Sr. Roberto Ibart, dispõe de um credito illimitado para organizar a secção que diz respeito à China.

O reino de Siam e o imperio Birmano prometem interessantes specimens das industrias e das artes da peninsula indo-china.

O Japão será representado por una comissão composta na sua totalidade de personagens japonezes.

Cremos que não nos aventuramos muito affirmando que a sua Exposição será ao mesmo tempo assumpto de extrema curiosidade para o publico, e de estudos comparados d'uma grande utilidade para os industriaes e fabricantes.

Juntaremos ainda algumas palavras a respeito da exposição da Persia. O Schah, que não esqueceu Paris, tem muito a peito que o seu imperio faça grande figura na Exposição de 1878. Não só adherio ao convite que recebeu, como acaba de mandar a Paris architectos persas incumbidos de, sem demora, construirem no parque do Trocadero o pavilhão destinado à exposição dos mais bellos productos da industria persa.

Os planos estão passando pelo ultimo exame; dentro d'alguns dias as nações expositoras terão encetado a criação dos seus establecimentos singulares, cuja atrahente variedade concorrerá para fazer da proxima Exposição Universal o conjunto mais curioso e mais notável que ainda se viu.

\*\*

Dois amigos. Um pobre, e o outro rico.

O pobre ao rico :

— Fazes-me um favor?

— Com todo o gosto. Mas antes de me dizeres o que é, has de prometter de fazer uma coisa que te vou pedir.

— Seja o que for, podes contar comigo.

— Não me peças dinheiro emprestado.

\*\*

Um pastor protestante fazendo a sua predica n'un collegio, a um grupo de meninas :

*Se o teu inimigo te ferir na face esquerda, oferece-lhe a direita...*

— E se me der um beijo — accede d'ali uma ladina de 15 annos — que hei de fazer?

O pastor sorrio-se, mas não respondeu.

\*\*

Um oficial de diligencias apresenta-se n'uma quinta para fazer um embargo.

Logo que o avistam largam-lhe os cães de fila; o homem vê-se na dura necessidade de se affastar sem proceder.

Quando chegou a casa, perguntaram-lhe se tinha sido bem recebido.

— Ora essa; até me quizeram dar de comer.... aos cães!

\*\*

Taboleta de un pintor modesto :

Parecenza completa : 4 libras

Meia parecenza : 2 libras.

Ar de familia : dez tostões.

Propriétaire-Gérant : SALOMON SARAGGA.

Paris. — Typ. Ch. Unsinger, 83, rue du Bac

Papel da Casa Mac Murray, de Londres.

PARIS. — A cidade de Paris regista o movimento da população. Vêem-se ás vezes, nos angulos das encruzilhadas onde vão dar muitas ruas, varios homens com uma carteira de notas na mão e um lapis, tomando apontamentos; são pessoas encarregadas de verificar o numero de carruagens e pessoas a pé que passam por esses sitios, nas diferentes horas do dia. Essas notas constituem os elementos d'uma estatistica muito util. A direcção das obras publicas de Paris acaba de publicar sobre este assumpto um trabalho interessantissimo, d'onde tirámos as algarismos que seguem, que representam comparativamente quanto são frequentados os diversos bairros pelas carruagens e cavalos.

As vias publicas mais frequentadas são as seguintes :

- 1º O boulevard des Capucines pelo qual passam, termo medio, 19,042 carruagens e 23,786 cavalos por cada vinte e quatro horas.

2º O boulevard dos Italianos : 18,182 carruagens e 21,372 cavalos no mesmo periodo.

3º A rue Royale : 16,177 carruagens e 20,255 cavalos;

4º A rua de Rivoli : 15,573 carruagens e um numero um pouco maior de cavalos;

5º O boulevard Poissonniere : 15,309 carruagens e 19,500 cavalos;

6º A rua de Santo-Antonio : 11,863 carruagens e 14,596 cavalos, por cada vinte e quatro horas.

# VIAGENS MARAVILHOSAS

AOS MUNDOS CONHECIDOS E DESCONHECIDOS

POR

JULIO VERNE

VERSÃO PORTUGUEZA ILLUSTRADA

DA TERRA Á LUA

1 vol. com 43 grav. (2<sup>a</sup> edição) brochado. . . . . 900

Á RODA DA LUA

1 vol. com 44 grav. (2<sup>a</sup> edição) brochado. . . . . 900

A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS

1 vol. com 58 grav. brochado. . . . . 1.000

AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS

1.<sup>a</sup> parte, Os INGLEZES NO POLO NORTE, 1 vol. com 135 grav. br. . . 1.100  
2.<sup>a</sup> parte, O DESERTO DE GELO, 1 vol. com 135 grav. brochado. . . 1.100

CINCO SEMANAS EM BALÃO

1 vol. com 76 grav. brochado . . . . . 1.100

AVENTURAS DE 3 RUSSOS E 3 INGLEZES

1 vol. com 54 grav. brochado. . . . . 900

OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT

1.<sup>a</sup> parte, AMERICA DO SUL, 1 vol. com 72 grav. brochado. . . . 1.100  
2.<sup>a</sup> parte, AUSTRALIA MERIDIONAL, 1 vol. com 54 grav. brochado. . . 1.100  
3.<sup>a</sup> parte, OCEANO PACIFICO, 1 vol. com 48 grav. brochado. . . . 1.100

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

1 vol. com 55 grav. . . . . 1.000

VINTE MIL LEGUAS SUBMARINAS

1.<sup>a</sup> parte, O HOMEM DAS AGUAS, 1 vol. com 54 grav. brochado . . . 1.000  
2.<sup>a</sup> parte, O FUNDO DO MAR, 1 vol. com 60 grav. brochado. . . . 1.100

A ILHA MYSTERIOSA

1.<sup>a</sup> parte, Os NAUFRAGOS DO AR, 1 vol. com 52 grav. brochado. . . 1.100  
2.<sup>a</sup> parte, O ABANDONADO, 1 vol. com 52 grav. brochado. . . . 1.100  
3.<sup>a</sup> parte, O SEGREDO DA ILHA, 1 vol. com 50 grav. brochado. . . . 1.100

MIGUEL STROGOFF

1.<sup>a</sup> parte, O CORREIO DO CZAR, 1 vol. com 46 gravuras. . . . . 1.000  
2.<sup>a</sup> parte, A INVASÃO, 1 vol. com 46 grav. brochado. . . . . 1.000

O PAIZ DAS PELLES

1.<sup>a</sup> parte, O ECLIPSE DE 1860, 1 vol. com 52 grav. . . . . 1.000  
2.<sup>a</sup> parte, A ILHA ERRANTE, 1 vol. com 53 grav. . . . . 1.000

A CIDADE FLUCTUANTE

1 vol. com 42 grav. brochados. . . . . 1.000

## AVENTURAS DE TERRA E MAR

PELO CAPITÃO MAYNE-REID

Collecção de Romances instructivos, ilustrados pelos principaes Artistas franceses

O DESERTO D'AGUA

2 vol. com 24 grav. brochados. . . . . 1.000

OS NAUFRAGOS DA ILHA DE BORNÉO

2 vol. com 23 gravuras, brochados . . . . . 1.000

OS PLANTADORES DA JAMAICA

2 vol. com 23 gravuras, brochados. . . . . 1.000

OS JOVENS ESCRAVOS

2 vol. com 28 gravuras, brochados. . . . . 1.000

Qualquer d'estas obras encadernada em percalina, impressa a preto e ouro fino : 1.400 reis.

À VENDA NA EMPRESA HORAS ROMANTICAS, RUA DA ATALAYA, 42, LISBOA

## DICCIONARIO

DE

## GEOGRAPHIA UNIVERSAL

POR

*UMA SOCIEDADE DE HOMENS DE SCIENCIA*

Composto segundo os trabalhos geographicos dos melhores auctores portuguezes, brasileiros, franceses, ingleses e allemaes, e de acordo com as ultimas publicações geographicas e estatisticas dos diferentes paizes;

COMPREHENDENDO

TODOS OS ESCLARECIMENTOS E INFORMAÇÕES

INDISPENSAVEIS COM RELAÇÃO AO COMMERCIO, ÁS ARTES E INDUSTRIAS FABRÍS

*Desenvolvido consideravelmente na parte que diz respeito a*PORTUGAL, PROVINCIAS ULTRAMARINAS  
E BRAZIL

PORUGAL. — Cada fasciculo de 16 Paginas com a competente capa, 100 réis fortes (franco de porte).

Para o estrangeiro e ultramar accresce o porte do correio.

Continuam a receber-se assignaturas na Empreza Horas Rómanticas. — Rua da Atalaya 42. — Lisboa.